

**CÍCERO E O ORADOR:
COMENTÁRIOS SOBRE O *DE ORATORE***

Eduardo da Silva de Freitas (UFLA)
eduardofreitas@dch.ufla.br

RESUMO

O trabalho trata das ideias relativas ao orador apresentadas por Cícero no diálogo *De Oratore*, situando-as em relação à tradição filosófica grega e ao momento sociocultural de Roma. Nesse sentido, de um lado, o entendimento proposto para o diálogo parte da recuperação dos pensamentos de Platão (considerando, sobretudo, os diálogos com Górgias e Fedro) e de Aristóteles, sobre a retórica, para estabelecer comparação com o pensamento de Cícero. Sabendo que o orador romano tem a arte retórica em grande conta, o trabalho procura entender as diferenças existentes entre o Cícero e os filósofos gregos, inserindo-as no contexto sociocultural romano, considerando a importância assumida pelos estudos de retórica naquela sociedade.

Palavras-chave: Cícero. Fedro. Aristóteles. *De Oratore*. Filosofia grega.

1. Introdução

É antiqüíssima a ideia de bem falar na cultura do Ocidente. Remonta aos antigos gregos, conforme se pode notar nas epopeias de Homero, para cujos personagens era a "eloquência um dos maiores merecimentos, um dom divino" (CURTIUS, 2013, p. 101). Atributo apreciável àqueles que comandavam homens e determinam destinos dos povos, ela é figurada positivamente pelo que se pode ver nos momentos em que é exigida das personagens a elaboração de algum discurso. Para se ter uma noção do apreço em que era tida, basta que se lembrem, dentre as inúmeras passagens, os conselhos de Néstor a Agamêmnon, na *Ilíada*, ou as palavras de Odisseu a Euríalo nos versos 177 e 178, do Canto VIII da *Odisseia*, que apontam, pela reprovação da fala "prenhe de caos e descontrole" (HOMERO, 2011, p. 227), o elogio da capacidade de bem falar.

Bem posteriormente aos poemas homéricos, quando na democracia grega da época de Péricles o bom andamento da carreira pública passa a depender dessa capacidade, a oratória torna-se objeto de estudo sistemático. No contexto da democracia ateniense, explica Voeglin (2009, p. 350),

Ainda que os principais chefes de Estado, generais e magistrados pudessem provir das antigas famílias [aristocráticas], seu sucesso político dependia de sua habilidade para obter a preferência do povo contra adversários e também para conquistar apoio para suas políticas em face de intensas críticas, intrigas e maquinações numa cidade relativamente pequena.

Diante da importância que a oratória assume, sobretudo em Atenas, passaram a ensiná-la, "mediante pagamento, os mestres ambulantes de sabedoria (sofistas)" (CURTIUS, 2013, p. 102), cuja instrução, "combinada com o ensino da lógica e da dialética, devia capacitar o discípulo a influenciar os ouvintes" (*Idem, ibidem*). Assim, é intimamente ligada à sofística que a eloquência torna-se objeto de ensino na Grécia Antiga.

No entanto, foi justamente a maneira pela qual se desenvolveu seu modo de ensino o que tornou a retórica alvo de críticas já mesmo no contexto grego. As formulações agressivas de Platão acusam os mestres de retórica de descurar da formação moral de seus alunos. Já no *Górgias*, livro em que se registra pela primeira vez o termo "retórica", o filósofo a caracteriza, por meio de Sócrates, apenas como "uma certa experiência", *empeirian*, que permite aos homens escolher as palavras mais adequadas para convencer outras pessoas.

Apesar das formulações agressivas de Platão contra os sofistas e sua pedagogia, a retórica, de fato, não deixou de ser ensinada e Aristóteles, inclusive, tentou "provar que a retórica tinha tanta razão de ser quanto a dialética" (CURTIUS, 2013, p. 103). É fato que não foi tanto a maneira empregada por Aristóteles no estudo da arte retórica que se expandiu, mas a forma como consolidada nos manuais que tratavam do assunto. Seja como for, se é verdade que do pensamento platônico herdou-se uma ideia negativa da retórica, não o é menos o fato de que, por séculos a fio, foi parte integrante do currículo na formação do homem no ocidente.

Quando foi introduzida em Roma, a partir do século II a.C., também num contexto de intensa atividade política e grande importância da prática jurídica, a oratória esteve igualmente ligada aos mestres de retórica e aos manuais. Quanto a estes livros, o primeiro de que se tem notícia é o *Rhetorica ad Herenium*, de autoria desconhecida, aparecido entre 86 e 82 a. C. Nesta mesma época, o jovem Cícero escreve o *De Inventione*,

manual igualmente moldado pelos ensinamentos dos mestres de retórica. Muito influentes na Idade Média, estes livros foram a base do que se produziu no período a respeito do assunto.

A importância da oratória e do bem falar foi bastante grande até fins do século XVIII. A partir de então, a oratória passou a estar ligada definitivamente ao discurso empolado e vazio. De toda as ideias relativas à prática de elaboração de discursos construídas pelo ensino da oratória, o que se julgou pertinente manter foram apenas as figuras do discurso, que ainda povoam alguns manuais de ensino. Ainda que há algumas décadas tenha ganhado algum espaço, o estudo da retórica está longe de ter para nós o mesmo peso que teve anteriormente.

2. *A oratória na Roma de Cícero*

Tendo em vista as diferenças entre o papel desempenhado pela oratória hoje e na Antiguidade, e considerando que o objetivo deste trabalho é tratar de algumas ideias de Cícero sobre o orador, presentes no *De Oratore*, é necessário que se detenha um pouco sobre o ambiente sociocultural em que se inscreve aquela obra.

Já se disse que a introdução da oratória em Roma ocorre a partir do século II a. C. quando "afluíram os primeiros retóricos gregos a Roma e aí se dedicaram ao ensino" (CURTIUS, 2013, p. 103). As escolas de retórica que existiram então naquela cidade parecem ter-se dedicado à instrução de homens para que pudessem atuar nos fóruns. Favorecido pelas atribuições institucionais que atingiram a República, dividida em entre os *optimates* e os *populares*, e pela lei Acília, de Caio Graco, que possibilitava a não romanos o direito de acusar, o ensino da oratória se expande.

Com efeito, é ligada ao relevo que assume a oratória na vida romana que se difunde seu ensino. Sobretudo para o *homo novus*, isto é, aquele cuja família não tinha histórico de ocupação de cargos públicos, o domínio do bem falar tornou-se uma porta de acesso para que se conseguisse "além do reconhecimento público, uma via de ascensão política" (FARIA; SEABRA, 2005, p. 24).

Em verdade, é o reconhecimento público o elemento decisivo em Roma o papel da oratória. O prestígio de um homem público depende de que domine a elaboração de discursos em situações públicas. Nesse sentido, o orador é, de fato, o modelo que orienta a formação do cidadão. Na

medida em que sua prática concentra também a principal referência pedagógica na Roma republicana, "o orador é o homem da palavra política ao mesmo tempo que é a figura ideal do homem cívico, seu modelo cabal" (DUPONT, 2000, p. 88). À diferença da Grécia de Péricles, em que a retórica era uma técnica que facultava o cidadão defender seus interesses, convencendo os juízes e as assembleias, na Roma republicana, "é muito mais do que uma técnica profissional, porque [...] ela define um tipo de homem e confere uma identidade social" (*Idem, ibidem*).

Para se ter uma ideia do que está em jogo, note-se que a crítica de Platão aos sofistas em relação à retórica aponta justamente a falta de lastro entre as palavras e a verdade. Lembre-se no *Górgias*, 459b-c, a réplica de Sócrates ao famoso sofista, segundo a qual "a retórica não deve conhecer como as coisas são em si mesma, mas descobrir algum mecanismo persuasivo de modo a parecer, aos ignorantes, conhecer mais do que aquele que tem conhecimento" (PLATÃO, 2011b, p. 213). Assim concebida, tratar-se-ia de fazer o interlocutor aceitar um engano. Na medida em que insere a retórica no campo da mentira e do erro, não há como entendê-la como uma arte, o que, para Platão, é termo que designa estudos que levam ao conhecimento de base metafísica. Assim, no *Fedro*, em 260e, lê-se: "Sem a verdade, diria algum espartano, nunca houve nem poderá haver verdadeira arte da palavra" (PLATÃO, 2011, p. 145). De outra parte, mesmo em Aristóteles, que a trata positivamente, o que sobressai é a ideia de elaboração do discurso. Para ele,

É evidente que o único objetivo de um litigante é provar que o fato em questão existe ou não, que aconteceu ou não; se é ou não importante, justo ou injusto, em todos os casos em que o legislador não tenha determinado precisamente, é um assunto para o juiz decidir. (ARISTÓTELES, 1926, p. 5)

Muito diferente disso é o que se pensa em Roma. Mais do que a exposição de um pensamento ligado à comprovação de alguma verdade alheia ao indivíduo que o profere, um discurso é exatamente a apresentação de quem o profere. Um homem romano não "caía na armadilha em que Sócrates tinha-se perdido: falar bem ou falar a verdade" (DUPONT, 2000, p. 88). Por causa disso, não há separação do discurso da figura daquele que o profere. Assim,

Na época republicana estes eventos que são os pronunciamentos de discursos, se são ocasião de avaliar as capacidades oratórias de um orador, não conferem somente ao orador o estatuto de mestre da palavra: além deste reconhecimento técnico, o que está em jogo é um ser social, um estatuto de poder e o reconhecimento de uma excelência ética (DUPONT, 2000, p. 91).

No mesmo sentido, um contributo para o entendimento das ideias romanas sobre a oratória é notar que a palavra "os significa 'a boca que fala', donde vem o termo *orator*, e ainda às vezes *os* é a palavra articulada, tanto quanto 'o rosto que se olha' ou ainda 'o rosto que olha, já que *os* pode significar em certos casos os olhos" (DUPONT, 2000, p. 122). Quer dizer, mais do que a palavras, a ocasião de se pronunciar um discurso para os romanos se liga à representação social, que é observada a partir de um ideal de excelência ética.

Obviamente, esta maneira de compreender a oratória implica uma meta bem elevada dos atributos que alguém deve ter para se tornar um orador. No *De Oratore*, I, 5.17, Cícero afirma que,

Deve-se ter o conhecimento dos mais variados assuntos, sem o que o fluxo das palavras torna-se vazio e ridículo. O próprio discurso [*oratio*] deve ser disposto não só por meio da boa escolha mas também segundo uma boa organização das palavras. Além disso, todos os movimentos da alma que a natureza atribuiu ao gênero humano, devem ser profundamente conhecidos, porque toda a força e arte da oratória traduzem-se no emocionar e no acalmar as mentes daqueles que estão ouvindo. É preciso que sobrevenham certa elegância [*lepos*], bom gosto [*facetia*] e uma erudição digna de um homem livre, além de brevidade tanto para responder quanto para provocar, unida à beleza sutil e à urbanidade. (CÍCERO, 1967, I, p. 12)

Como se pode ver, não é tanto da arte em si, quanto do perfil do orador de que Cícero fala. É o que já fica claro pelo próprio título de sua obra. Pressupondo o modelo ideal de orador, ele constrói a figura de um homem grave, de maneiras aristocráticas e erudito. Já distinto do que se vê em Aristóteles e diametralmente oposto ao que se encontra em Platão, Cícero descreve nesta sua obra o orador a partir da figura do *patronus*, isto é, aquele grupo da nobreza romana que condensa o mais elevado prestígio social.

Não é de estranhar, no caso de Cícero, que os diálogos encenados no *De Oratore* sejam levados a cabo por interlocutores "preocupados com sua dignidade; sempre solenes, mesmo quando se divertem" (COURBAUD, 1967, p. IX). Em comparação, por exemplo com o *Fedro*, pode-se mesmo dizer que as personagens de Cícero representam o oposto das de Platão. Por um lado, toda a argumentação de Sócrates visa a criar uma imagem Lísias como homem tolo e ímpio, conforme 242e. De outra parte, o próprio Fedro é representado como um ingênuo jovem, seduzido pelas habilidades verbais de Lísias. No caso dos diálogos presentes na obra de Cícero, mesmo os jovens são representados com gravidade.

As personagens introduzidas por Cícero no *De Oratore* dão a ver a relevância que a oratória assumiu em Roma desde o século II até o fim da república. Mais do que conhecimento de técnicas argumentativas, a oratória é elemento base para a construção de uma imagem social de prestígio, identificada com a nobreza. Longe de ser associada ao engano, é antes uma capacidade que distingue homens superiores. Como pergunta no *De Oratore*, I, 7.31: “Em verdade, o que é tão admirável quanto surgir dentre uma multidão de homens alguém que seja capaz de usar sua faculdade de falar – algo que foi dado a todos pela natureza - de modo ímpar ou como poucos?” (CÍCERO, 1967, I, p. 17)

3. O lugar do *De Oratore*

É no breve quadro que se fez até aqui a respeito da oratória na Roma Antiga que o livro de Cícero deve ser inserido. Numa sociedade em que a possibilidade de ascensão social e a necessidade de reconhecimento vinculavam-se ao domínio da capacidade de bem falar em público, o estudo da oratória ganha destaque.

Como se disse, a partir do século II, mestres de retórica chegam da Grécia a Roma para ensinar a arte. Além disso, sabe-se que existiram escolas de retórica dedicadas ao mesmo propósito. Ao certo não se sabe como era ministrado o ensino por estes professores ou pelos estabelecimentos, mas, ao que parece, em alguma medida ele era mal visto.

É costume atribuir-se a crítica ao ensino dos mestres de retórica à disputa política entre as facções que dominavam o cenário republicano de então. O questionamento desse modo de ensino seria consequência das rixas entre *optimates* e *populares*. Neste sentido, um edito publicado em 92 a. C. contra esta forma de instrução oratória é visto como uma retaliação da nobreza contra os plebeus. No entanto, sem vinculá-la diretamente aos conflitos políticos existentes naquele período, pode-se entender a crítica feita aos mestres de retórica a partir da própria noção de formação que envolvia o orador romano.

Pois bem, sabe-se que o ensino de retórica estava intimamente ligado à participação na vida pública, sobretudo à atuação no fórum. Conforme a tradição, a educação do jovem passava pela observação das atividades forenses por meio do acompanhamento de um orador já consagrado. Tratava-se de um tipo de transmissão de conhecimento pautado na experiência e na prática. Ao contrário disso, a forma de instrução típica

das escolas resultaria "em romper com a tradição do *tirocinium fori*" (FARIA; SEABRA, 2005, p. 22).

Seja qual for o motivo das críticas que se faziam aos mestres de retórica, o que interessa destacar aqui é que, a julgar pelas referências existentes no próprio livro de Cícero, o ensino ministrado por eles limitava-se a simples transmissão de regras para se construir um bom discurso sem fazer levar em consideração a experiência. Ao contrário disso, Cícero sempre aponta diretamente ou por meio de seus personagens que a prática é imprescindível, é preciso adquirir os "nervos do fórum" (CÍCERO, 1967, III, p. 32), como diz Crasso a certa altura, para alguém tornar-se um orador.

Com efeito, ao longo de todo o texto notam-se referências negativas aos mestres de retórica e ao ensino que ministram baseado em seus manuais. Quanto a isso, no Livro I, em 20.92-93, por exemplo, Antônio, outra das personagens centrais do diálogo, diz ter se convencido não existir nenhuma arte oratória por ter aceitado a opinião de certo Carnadas segundo a qual "nenhum escritor de manuais foi sequer um homem disserto" (CÍCERO, 1967, p. 36).

Conforme se pode ler já no início do *De Oratore*, a desconfiança de Cícero quanto aos manuais chega ao ponto de reconhecer seus escritos de sua juventude sobre a retórica algo incompleto e mal redigido, incompatíveis com a experiência adquirida ao longo de sua carreira pública. Obviamente, Cícero falava do *De Inventione* obra escrita muito antes de tornar-se o grande orador de Roma.

Fugindo desse modelo dos manuais, modelo centrado nas partes que um discurso eloquente deve conter, Cícero escreve o *De Oratore*. Por isso, o livro não é propriamente um tratado ou manual, no sentido comum do termo. Em lugar disso, é uma proposta de formação e atuação para quem queira ser um orador. Não é de elementos do discurso que trata, mas dos conhecimentos necessários para o homem que pretenda tornar-se um orador e dos procedimentos que deve adotar quem produz um discurso eloquente.

É por isso, aliás, que esta obra de Cícero adquire um contorno singular na Antiguidade, pois "no seu formato, no seu foco no orador e em suas atividades ao invés de centrar-se nas regras que governam as partes de um discurso, em sua insistência na reunificação de sabedoria e eloquência numa nova síntese que resulta no orador filósofo, permanece

único no conjunto de escritos sobre assuntos retóricos" (MAY, 2007, p. 256).

4. Aspectos formais do *De Oratore*

Escrito em 55 a. C., o *De Oratore* é um conjunto de três livros que dá início a uma série de escritos em que Cícero trata da oratória. Sem ser sua estreia no tratamento da matéria, tendo em vista que já havia dado à luz o *De Inventione*, em sua juventude, o *De Oratore*, escrito já na maturidade, é um livro em que o autor compila os conhecimentos acumulados ao longo de sua carreira como homem de público. Sucedido pelo *Brutus*, livro em que traça uma história da eloquência romana, e pelo *Orator*, em que desenha um perfil do orador, é naquele conjunto de livros que se pode encontrar mais bem detalhadas as ideias que Cícero fazia sobre a eloquência.

É importante ressaltar que não se trata propriamente de um tratado sobre a retórica, mas de uma espécie de compilação das ideias que o orador romano conhecia. É verdade que a leitura permite identificar as ideias com as quais tem mais afinidade, no entanto isso não o impede de apontar concepções divergentes sobre o assunto. É que a forma de organização do texto permite que o autor insinue sua posição ao mesmo tempo em que descreve as ideias que gravitam em torno do assunto.

Ora, o *De Oratore* é uma mistura de gênero epistolar e diálogo. Trata-se, a princípio, de uma carta escrita pelo próprio Cícero, no intuito de satisfazer um pedido de seu irmão Quinto para que redigisse algo a respeito da retórica. Atendendo a esta solicitação, ele faz um relato dos debates que teriam acontecido na casa de Crasso, um de seus antigos mestres, em Túsculo. O texto, então, constrói-se como uma reprodução do encontro em que Crasso e seus convidados, entre os quais Antônio, outro mestre de Cícero, teriam exposto seus pensamentos e colocado suas questões a respeito da eloquência e da oratória.

É a estrutura dialógica do texto que permite a Cícero articular as ideias sobre a retórica sem passar a impressão de estar doutrinando sobre o assunto, na medida em que atribui "diferentes pontos de vista a diferentes interlocutores" (WISSE, 2002, p. 379). Embora pelos parcos momentos em que suas ideias são expostas o leitor possa perceber que estão próximas ao pensamento de Crasso, a estrutura do texto não descarta completamente algumas outras posições que são levantadas ao longo do

texto. Assim, a discordância que existe entre Crasso e Antônio não significa a exclusão absoluta das ideias defendidas por este.

Embora todas as opiniões expressas na obra remetam a Cícero, na medida em que é ele quem as registra, pode-se dizer que, na obra, figuram três posições principais que são tomadas positivamente: a de Cícero, a de Crasso e a de Antônio. Tendo isso em vista, como não se trata de verificar em que medida as opiniões apresentadas por Crasso e Antônio correspondam ao que defendiam em suas existências, ou de apontar em que medida Cícero as representa de modo adequado, a abordagem que aqui será feita adotará para facilidade de exposição como representantes de cada ideia as personagens que aparecem no diálogo. Assim, embora as três posições existentes só possam existir porque Cícero as exprima, e, por isso, em última análise, todas remetam a ele, este trabalho operará a divisão por personagens para que se facilite a análise. Isso significa que o próprio Cícero que se inscreve no texto será tomado como personagem. A breve descrição das opiniões vigentes no texto deve ser considerada em relação ao que se disse até aqui sobre o contexto sociocultural em que a obra foi escrita.

5. *Cícero: a oratória como arte elevada e o orador como erudito*

As ideias de Cícero aparecem nos momentos em que se dirige a seu irmão; o que se dá, normalmente, início de cada livro que compõe a obra. Já nos primeiros parágrafos do Livro I, o autor insinua suas ideias ao tratar das conversas que costuma manter com Quinto.

Tens o costume de, não raro, discordar de mim nas nossas conversas sobre este assunto, porque, de minha parte, eu entendo que a eloquência deve ser inserida entre as artes dos homens mais eruditos, e, de tua parte, porém, pensas que deve ser separada do trato da ciência e ser incluída em certo tipo de prática e de exercício. (CICERO, 1967, I, p. 9)

Desconsiderando o caso em que alguma atividade seja mais imperativa para a cidade do que o estudo da oratória, como são os casos do comando das guerras e da administração das cidades, que, por isso mesmo, conta com inúmeros homens ilustres, Cícero repara que, mesmo em campos como a filosofia, a música, matemática e a gramática, o número de figuras eminentes é maior do que na oratória. Ora, segundo se vê em 4.13, a escassez de grandes nomes notáveis no campo da eloquência estaria ligada ao fato de ser muito difícil alguém adquirir os conhecimentos necessários para se tornar um orador de destaque. Assim, ainda que os

prêmios que se poderiam conseguir por meio dela sejam altos, a dificuldade em dominá-la seria um obstáculo muito grande.

Com efeito, em 5.17-19, afirma que, além de ter "certa graciosidade, bom humor, e erudição dignas de um homem erudito" (CÍCERO, 1967, I, p. 13), o orador deve conhecer a história passada, o sentido dos exemplos, sem negligenciar o conhecimento das leis e do direito civil. Além disso, seria bom que soubesse controlar os movimentos, as expressões, a voz à maneira de um ator de teatro. Como conclui:

No meu entendimento, ninguém poderá ser um orador cumulado de todo louvor, se não tiver adquirido o conhecimento de todos grandes estudos e artes. Com efeito, deve o discurso florescer e resultar do conhecimento das coisas. Se o orador não experimentar e conhecer o assunto, o discurso terá uma elocução pobre e quase pueril. (CÍCERO, 1967, I, p. 14).

De acordo com Cícero, para a produção de um discurso, *oratio*, eloquente é necessário que o orador seja um indivíduo instruído nas mais diversas matérias, de vasta erudição. É de seus estudos que surge sua capacidade de falar com fluência, agrado e abundância.

Neste sentido, é importante que se destaquem pelo menos dois aspectos importantes das opiniões expressas por Cícero. Em primeiro lugar, a oratória é considerada uma atividade nobre, se não devido ao prestígio de que reveste seu praticante, já que existem outras atividades em que o grau de reconhecimento público é maior, certamente porque exige que seu praticante seja um homem cultivado.

Além disso, Cícero não fala propriamente da retórica, entendida como uma arte, um conjunto de técnicas sistematizadas, *ratio*, mas da formação do orador. O entendimento que se faz da retórica, *ratio dicendi*, passa ao largo de uma concepção meramente instrumental para a formulação do discurso, *oratio*. Obviamente, sem desprezar este aspecto, faz com que ele derive, no entanto, de um conjunto mais amplo de conhecimentos que o orador deve adquirir.

6. Crasso: orador como um erudito que atua na sociedade

A opinião de Crasso vai na mesma direção do que se acabou de ver. No entanto, as posições do professor de Cícero são mais desenvolvidas, em virtude do fato de o texto concentrar-se mais nos diálogos que teriam acontecido em Túsculo. São dois os momentos principais em que Crasso exprime suas ideias, correspondentes a dias distintos de discus-

sões: o primeiro deles é no Livro I, ocupando-lhe boa parte; o segundo é no Livro III. Seguindo a ordem da apresentação do texto, faça-se um breve resumo do contexto do diálogo e das considerações de Crasso.

O diálogo representado por Cícero tem como ambiente a residência de Crasso em Túsculo, para onde se retira no período dos Jogos Romanos. Nos dias em que passa no campo, estão com ele seu sogro Múcio Cévola, seu amigo Antônio, além de dois jovens promissores talentos iniciados na carreira pública, Cota e Sulpício. Depois de terem passado o primeiro dia conversando sobre o momento que viviam e a república, Múcio sugere, já no segundo dia, que façam como Sócrates teria feito no *Fedro* de Platão, e se sentem embaixo de árvores.

É então que Crasso começa a falar sobre a oratória. Em 8.32-34, defende que, além de nada ser mais agradável do que ouvir um discurso bem ornado e polido, nenhuma habilidade do homem é mais poderosa do que a oratória, já que, por meio dela, é possível reunir as pessoas, aliciar pensamentos, orientar as vontades dos homens, influenciar o povo e os juízes. Após acrescentar outros méritos, como a magnanimidade em socorrer os que precisam e manter a ordem civil, pergunta, levantando a questão que considera central:

Mas, para que cheguemos ao ponto principal: que outra força foi capaz de congrega os homens dispersos em um único lugar, afastá-los de uma vida selvagem e agreste para o convívio humano e civilizado, ou registrar, depois de fundadas as cidades, as leis, os tribunais e o direito? (CÍCERO, 1967, I, p. 18).

De partida, note-se que também nas palavras atribuídas a Crasso a apologia da oratória não se dá por meio da valorização das técnicas de persuasão, mas por meio do destaque de sua condição imanente ao ser humano, enquanto uma capacidade, *vis*, que lhe é natural. No entanto, o entusiasmo do anfitrião não se limita a ver na oratória uma qualidade superior do ser humano, mas declara que toda a vida em sociedade depende dela, já que "na sabedoria e no comedimento do mais acabado orador contém-se não só sua dignidade, mas também a saúde de inúmeros cidadãos como também de toda a república" (CÍCERO, 1967, I, p. 18). Neste sentido, enquanto Cícero limita-se relacionar a nobreza do orador à sua erudição, Crasso dá um passo adiante e mostra a dimensão social desta erudição.

Deve-se dizer, no entanto, que estas opiniões não são acolhidas de modo consensual. Como se disse, a estruturação do texto como um diálogo permite a Cícero percorrer as diversas ideias que gravitam em torno

do assunto sem se comprometer diretamente com qualquer uma delas. No trecho do diálogo referido anteriormente, é Múcio Cévola que põe reparo nas palavras há pouco expressas por seu genro. De acordo com ele, não teriam sido belos discursos que teriam congregado os homens, mas os argumentos de homens prudentes; tampouco teriam sido os oradores os responsáveis pela fundação e administração das cidades, mas os homens fortes e sábios, muitos dos quais teriam desconhecido a oratória. Além do mais, os filósofos não admitiriam que o orador possa saber algo a respeito do bem e do mal, dos costumes, da condução da vida, dos estados da alma etc.

Apontando não desconhecer os argumentos que procuram justificar o afastamento o orador do governo da cidade, mencionando mesmo o *Górgias*, de Platão, a resposta de Crasso especifica as ideias expostas anteriormente. Começa afirmando que se alguém quiser ser orador, ainda que somente atue nos tribunais e no senado, necessariamente deverá conhecer muitas coisas (CÍCERO, 1967, I, p. 23). A virtude da oratória depende de que o orador conheça as coisas sobre as quais vai falar; dominando o assunto, o orador produzirá um bom discurso. Assim, conhecendo, por exemplo, o direito civil, poderá ajudar a resolver questões relevantes a toda a sociedade, na medida em que seja capaz de pensar as causas que defende a partir de problemas mais gerais.

Considerada desse modo, ainda segundo as palavras de Crasso, a atividade do orador não prevê que ele se dedique exclusivamente a um assunto. Dessa forma, a despeito de os filósofos entenderem que certos assuntos lhes pertencem, o orador deve aprendê-los. Ademais, ainda que partilhe com outros homens certos saberes, ele se distingue por conseguir exprimi-los de maneira agradável e nobre, conforme explica em 13.57. É preciso que o orador domine a arte, *ratio* de produzir discursos, mas é, igualmente preciso que tenha conhecimento, pois, nada é "mais irracional (*furiosum*) do que o som fútil das melhores e mais ornadas palavras sem nenhum pensamento ou ciência." (CÍCERO, 1967, I, 24). Neste sentido, afirma com veemência, em 15.64:

Por isso, se alguém quiser definir e abarcar o sentido próprio e completo da palavra orador, no meu entendimento, será digno de um nome tão nobre quem discorrer com adequação, ordem, ornamento, de memória e com alguma dignidade de ação, sobre qualquer assunto que a situação venha a pedir. (CÍCERO, 1967, I, p. 28)

Considerando que a estrutura do diálogo consiste em que as personagens desdobrem cada vez mais suas opiniões, pode-se dizer que a

ideia de Crasso sobre o orador está resumida neste trecho. Repetidamente, chama a atenção para a importância de o orador saber compor bem o discurso e de tratar de qualquer assunto, sintetizando, no Livro III-35.143, na expressão *doctus orator* o que deve ser um orador, no seu entender.

Antes de se avançar para a opinião de Antônio, um ponto deve ser destacado: à medida que o diálogo avança, vai ganhando espaço a referência à prática forense. Com efeito, repisando e desdobrando as ideias que apresenta, a certa altura do diálogo, Crasso relaciona o orador com o advogado, *patronus*. Aponta como é importante que o orador conheça sobretudo o direito civil, para que possa atuar nos tribunais. Passa depois a indicar os serviços que se podem prestar não só aos clientes, mas também a toda sociedade, na medida em que, pelo domínio desta matéria, o esclarecimento das questões individuais possa ser expandido a toda causa semelhante.

7. *Antônio: o orador é um persuasor dos fóruns*

Apesar de o diálogo reportado por Cícero a seu irmão confrontar as figuras de Crasso e Antônio, isso não significa que as opiniões de ambos sobre o que deva ser o orador diverjam em todos os pontos. De fato, há mesmo pontos em comum nas opiniões defendidas por ambos. Antônio também parte da ideia de que o orador é uma figura respeitável, um homem nobre.

No entanto, diferentemente do que propõe Crasso, Antônio não entende que o orador deva ou precise dedicar-se aos estudos de assuntos tão amplos e variados. Para ele, essa ideia não se sustenta, em primeiro lugar, porque é difícil de ser alcançada, segundo 18.36 do Livro I. Além disso, o exercício nas mais diversas matérias, embora pudesse fazer que viesse a falar com abundância e elegância, não significaria domínio das situações em que efetivamente atuaria. Em outras palavras, não passariam de meros exercícios de escola. Nas palavras atribuídas a Antônio:

Parece-me diferente a maneira dos homens dos quais falastes há pouco [isto é, dos filósofos], embora falem ornada e nobremente seja sobre a natureza das coisas, seja sobre as coisas humanas: é uma maneira nítida e descontraída com as palavras, mais próprias da academia e da escola do que dos tribunais e das multidões (CÍCERO, 1967, I, p. 32-33).

Enquanto, segundo Crasso, o bom desempenho como orador depende de que tenha domínio sobre muitas artes, especialmente do direito

civil, para Antônio isso não se justifica, exatamente porque o domínio de outros assuntos não resultaria necessariamente em alguém proferir bem um discurso diante da multidão. Ao invés de ajudar, esta dedicação às outras matérias poderia mesmo atrapalhar aquele que pretenda ser orador. Como se nota das palavras atribuídas a Antônio, o falar em público é uma prática específica que se aprende num ambiente diverso do escolar.

Em verdade, não se pode dizer que Antônio defenda que o orador não precise ser bem instruído. Sua divergência com Crasso, quanto a isso não é, de fato, significativa. Basta que se lembre do relato das discussões que teria presenciado em Atenas sobre a oratória, para se ver que Antônio parece mesmo aproximar-se das opiniões de Crasso. Com efeito, isso é o que se pode perceber quando descreve os pensamentos de certo Carmadas, filósofo acadêmico que teria vivido em Atenas, por quem Antônio diz ter sido persuadido. De acordo com este filósofo, aqueles que se denominam rétores, *rhetores*, e ensinam os preceitos da oratória, nada podem saber se não tiverem aprendido os ensinamentos dos filósofos. Ainda segundo ele, o fato de não se encontrarem nos livros destes retores nada referente ao ordenamento das cidades, às leis, à fé, à justiça, ao controle das paixões, aos costumes etc., mostraria que, de fato, os rétores nada sabem. Assim, declara ter formado desse pensamento a distinção que faz entre o "disserto" e "eloquente". Nas palavras de Antônio,

[...] defini como disserto aquele que é capaz de falar de modo bastante penetrante e claro para homens medianos a partir da opinião comum dos homens; eloquente, porém, quem pode admirável e magnificamente incrementar e ornar o assunto que queira, e que guarde no pensamento e na memória todas as fontes de tudo que é pertinente à oratória. (CICERO, 1967, I, p. 37)

A diferença quanto à opinião de Crasso está registrada na ideia de aprender o que é pertinente à oratória. Como se viu, para Crasso, o orador deve dedicar-se ao conhecimento de tudo, estudando filosofia, história, administração da cidade e, sobretudo, direito civil. Para Antônio, o aprendizado destas matérias pode fazer com que se deixem de lado os conhecimentos realmente necessários à atuação do orador. Isso não quer dizer que o orador deva desprezar os demais conhecimentos, mas subordiná-los à sua prática.

Nesse sentido, Antônio opera a distinção entre os conhecimentos relativos à oratória e as demais artes. De acordo com ele, um indivíduo pode ser um governante e um orador competente, mas isso não implica que a arte de ordenar cidades e oratória sejam uma só. Do mesmo modo se passa com a filosofia, o conhecimento das leis, etc. e o fato de alguém

expor de modo eloquente alguma matéria não quer dizer que a oratória seja parte de outras disciplinas. Como explica noutro trecho, já no segundo dia de conversas:

Pois, se um agricultor falar ou escrever sobre as atividades do campo, ou ainda, o que é frequente, um médico tratar de doenças, ou se algum pintor abordar a pintura de modo desvolto, nem por isso a eloquência deve ser pensada como parte dessas artes. (CÍCERO, 1967, II, p. 22)

Consideradas as coisas dessa maneira, quando acontece de alguém expressar-se bem sobre determinado assunto, é justamente pelo fato de dominar a oratória, além do assunto abordado. Tanto assim que, certas pessoas que dominam determinados assuntos, nem sempre são capazes de desenvolvê-lo com eloquência. Em verdade, seriam conhecimentos diferentes que os indivíduos podem adquirir, mas que juntos dão a impressão de que a eloquência advém de outras fontes de saber. Acontece, porém, que esta arte, de acordo Antônio, é autônoma, segundo o argumento de que

as outras artes podem cumprir seu dever sem a eloquência, mas o orador não pode fazer jus a este nome sem ela. Dessa forma, caso outros profissionais tenham aprendido algo com o orador, tornam-se bem falantes, mas este, caso não se tenha instruído nos recursos de sua área, não pode encontrar em outro lugar a riqueza da oratória. (CÍCERO, 1967, II, p. 22)

Em resumo, embora não acredite que o orador possa de fato desmerecer outros conhecimentos, Antônio entende que a capacidade de falar bem é adquirida à parte deles. Assim, não precisa ser ele um homem instruído em outras disciplinas para elaborar um bom discurso. Deve antes dominar as técnicas por meio da eleição de um modelo reconhecido e a partir de então desenvolver as habilidades da arte. É depois de ter adquirido a capacidade discorrer sobre qualquer assunto que o orador - também aqui confundido com o *patronus* - há de se dedicar às outras artes, à medida em que as causas que defender o *solicitemur*. Dessa forma, enquanto Crasso define o orador como douto, *doctus*, Antônio utiliza o termo para definir "quem é capaz de recorrer a palavras agradáveis de ouvir e a pensamentos convenientes para provar nas causas corriqueiras nos fóruns" (CÍCERO, 1967, I, p. 76). A diferença entre os dois está, de fato, na maneira pela qual um homem deve procurar tornar-se eloquente: para Crasso, é pelo estudo de assuntos variados que alguém conseguirá construir bons discursos; para Antônio, o aprendizado da elaboração de discursos independe da dedicação a outros conhecimentos.

8. Conclusão

A tradição ocidental que vê na capacidade de bem falar uma qualidade importante na formação do indivíduo é antiga. Já nos poemas homéricos se encontram menções positivas a estes atributos. Posteriormente a este reconhecimento, é que se desenvolveram estudos especializados para o aprendizado da eloquência. Surgiu então a arte retórica ou oratória, que esteve na base dos currículos ocidentais desde a Antiguidade até o século XVIII.

Em Roma, a capacidade de bem falar era considerada atributo importante para a atuação social. Estava ligada a possibilidades de ascensão social e de reconhecimento público. Era um atributo distintivo da nobreza, especialmente do *patronus*, figura que condensava o ideal de cidadão romano e servia de modelo para a formação do indivíduo.

A importância assumida pela oratória na Roma republicana a partir do século II a.C. propiciou o desenvolvimento de seu ensino junto a mestres de retórica. No mesmo sentido, surgiram manuais que tratavam do assunto, como é o caso do *Rhetorica ad Herenium* e o *De Inventione*, este escrito pelo próprio Cícero. A instrução presente neste tipo de escrito foi em certa medida criticada e mal vista, na medida em que se contrapunha ao método tradicional de transmissão do ensino da oratória, baseada na prática e na experiência.

O *De Oratore*, de Cícero, escrito em 55 a. C., contrapõe-se ao ensino da oratória presente nos manuais. Falando do *De Inventione*, livro de sua juventude em que descreveu regras para a construção da argumentação, Cícero o define como rude e procura distanciar seu escrito atual deste tipo de obra. Com efeito, no *De Oratore*, em lugar de descrever os elementos constitutivos de um discurso bem construído aborda a formação do orador, como se pode ver já pelo título.

Neste texto, as ideias sobre o orador são expostas por três personagens: o próprio Cícero, que se representa numa interlocução com o irmão, por meio de uma carta; Crasso e Antônio, antigos mestres de oratória do autor. A obra é construída como uma mistura de epístola e diálogo. Cícero escreve uma carta a seu irmão reportando o diálogo que teria existido entre Crasso e Antônio a respeito da oratória. Essa organização permite a Cícero expressar as ideias que faz da oratória sem passar a impressão de doutrinar.

Além da opinião expressa por Cícero no início do texto, quando se dirige a seu irmão, há as de Crasso e Antônio, que aparecem como as principais. Na figuração do texto, o ponto de vista de Cícero é mais próximo do de Crasso, na medida em que ambos concordam que o orador deve ser um erudito. A opinião de Antônio é um pouco diferente disso, mas está longe de negar as ideias de Crasso. O cerne da disputa está na relação entre oratória e demais conhecimentos. Enquanto Crasso faz derivar a eloquência do domínio de outras artes, Antônio a entende como objeto autônomo.

Seja como for, a divisão que Cícero faz das concepções sobre o orador em seu texto tem menos a finalidade de evidenciar um confronto de ideias para que se marque uma posição do que a intenção de referir os pensamentos relativos à formação que deve ser dada a ele. Certamente, pela leitura do texto, pode-se notar uma crítica geral aos métodos utilizados pelos professores de retórica no ensino da oratória, mas seja dito que, nas opiniões positivamente acolhidas no texto, o desenvolvimento das posições presta-se antes a esclarecê-las a sugerir a refutação de alguma. Pensando-se assim, Antônio e Crasso exercem menos o papel de oponentes do que defensores de modelos bem sucedidos de oradores; e, embora Cícero sugira que concorde mais com o que expressa por meio de Crasso, o fato é que as ideias que atribui a Antônio não são absolutamente desprezadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTLE. *The Art of Rhetoric*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1926.

CICERO. *De Oratore*. Paris: Les Belles Letres, 1967, 3 vol.

COURBAUD, E. Introduction. In: CICERO. *De Oratore*. Paris: Les Belles Letres, 1967.

CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 2013.

DUPONT, F. *L'Orateur sans visage: essai sur l'acteur romanis et son masque*. Paris: PUF, 2000.

FARIA, A. P. C.; SEABRA, A. Introdução. In: _____. (Orgs.). *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MAY, J. M. Cicero as Rhetorician. In: DOMINIK, W.; HALL, J. *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

PLATAÃO. *Fedro*. Belém: Edufpa, 2011a.

_____. *Górgias*. São Paulo: Perspectiva, 2011b.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

VOEGELIN, E. *O Mundo da Pólis*. São Paulo: Loyola, 2009.

WISSE, J. De Oratore: rhetoric, philosophy, and the making of the ideal orator. In: MAY, J. M. *Brill's Companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Boston: Brill, 2002.